
Coleção Clássicos Universais

Dom Quixote

Miguel de Cervantes
Adaptação de Paula Adriana Ribeiro

2ª Edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Em uma aldeia da Mancha, na Espanha, vivia um fidalgo que tinha a alma povoada de sonhos e pouquíssimo dinheiro. Dividia sua morada com uma governanta, uma sobrinha e um criado para serviços gerais. Com mais ou menos cinquenta anos e, um corpo magro, seu nome era Alonso Quijano.

Além da comida, gasta seu dinheiro apenas com roupas modestas para o cotidiano e uma mais requintada para os dias de festa. Todo o resto do dinheiro investe em livros de aventuras da cavalaria andante. O fidalgo é dono de uma vasta biblioteca, que o deixou famoso na aldeia, pois ele chegara a vender parte de seu patrimônio para sustentar essa mania.

2

Lê compulsivamente as histórias de façanhas realizadas por cavaleiros e já não consegue pensar ou falar em outro assunto. Chega a um ponto em que não mais distingue a realidade da fantasia.

Convence-se de que nasceu para ser um cavaleiro andante e viver aventuras, defendendo as damas indefesas ou qualquer outra pessoa que se encontre numa situação difícil.

Fidalgo: homem de origem nobre, ou seja, "filho de algo".

Governanta: mulher encarregada de cuidar da casa de outrem.

Façanha: ato heroico.



Não demoraria muito a colocar em prática essa ideia. Arranja uma armadura que pertenceu a seu bisavô, cujo capacete não tem viseira. Resolve fazer uma de papelão, que ao primeiro golpe se desfaz, mas ele não desanima e a refaz, reforçando-a com chapas de ferro por dentro.

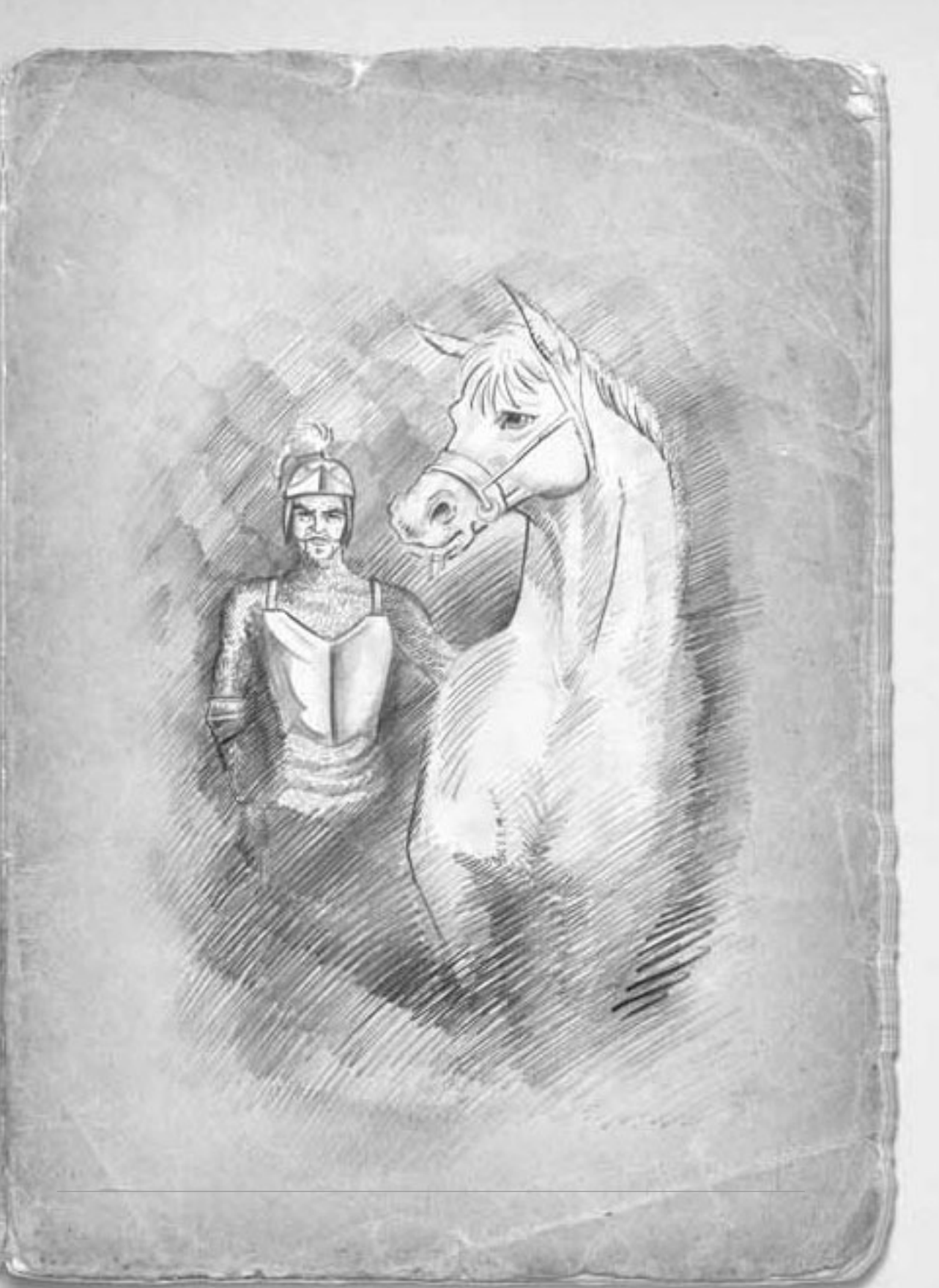
Agora precisa de um cavalo. Havia na cavalaria um animal com uma aparência miserável, nada semelhante aos belos e fortes cavalos que acompanhavam os heróis dos livros. Mas o fidalgo imagina ver nesse animal toda beleza e bravura que necessita para enfrentar as grandes batalhas que estão por vir. Depois de muito pensar, resolve chamá-lo de Rocinante, nome que julga digno de um esplêndido cavalo como o seu.

4

Escolhe também um novo nome para si mesmo, pois um cavaleiro de seu valor precisava de um nome que fizesse justiça a isso. Dom Quixote de La Mancha é como será chamado de agora em diante — nome que se dá para homenagear sua terra natal.

Tudo pronto? Não, ainda falta uma dama pela qual fosse apaixonado, pois era costume dos cavaleiros andantes oferecerem suas vitórias às mulheres amadas.

Cavalaria: cocheira, casa para cavalos.



Próximo dali, vivia uma moça chamada Aldonça Lourenço. Dom Quixote decide que ela pode ser a sua amada, porém era necessário dar-lhe um nome de princesa. Decide então chamar-lhe Dulcineia de Del Toboso, nome do lugar onde a moça nascera.

Já tinha tudo de que precisava para iniciar sua nova vida de cavaleiro andante. Numa manhã, sai escondido ao encontro de sua primeira aventura. Enquanto cavalga, ele subitamente se dá conta de que ainda não foi armado cavaleiro, e por isso não pode, segundo as leis da cavalaria, combater como tal. Resolve que será armado cavaleiro pelo primeiro que encontrar pelo caminho.

6

Continua a cavalgar até que avista uma estalagem. Exaustos e famintos, ele e Rocinante precisam de comida e descanso. Param em frente à estalagem, onde duas moças muito simplórias estão sentadas à porta. Dom Quixote imagina que a simples estalagem é um castelo e que as moças são princesas. Ao ouvir um guardador de porcos tocando uma buzina de chifres, pensa que este som é a trombeta que avisa a chegada de um grande cavaleiro: ele próprio. As mulheres, ao vê-lo chegar, afastam-se, assustadas, mas ele lhes diz:

— Não fujam! Sou um cavaleiro e a minha ordem não permite que faça mal a ninguém, quanto mais a duas donzelas de tão alta linhagem.

Estalagem: hospedaria.



As mulheres acham engraçado o comportamento de Dom Quixote e começam a rir, o que deixa o cavaleiro muito irritado:

— A modéstia e a cortesia são virtudes muito apreciáveis numa dama. O riso descabido parece loucura. Mas não quero ofender-lhes com tal observação, pois estou aqui para proteger-lhes.

Quando Dom Quixote acabou de dizer tais palavras, as mulheres riram mais ainda, fazendo-o ficar muito mais nervoso. Nesse momento surge o dono da estalagem, que o convida para entrar e descansar. Dom Quixote percebe a simplicidade do homem que crê ser um nobre e diz com cerimônia:

8

— Senhor, a mim qualquer coisa basta. As armas são meu único luxo e o combate o meu leito de repouso. Só peço que trate bem o meu cavalo.

Após beber e comer bastante, Dom Quixote, ajoelhado, implora ao hospedeiro que lhe arme cavaleiro. O homem, que tem um grande senso de humor, concorda em realizar a fantasia daquele estranho viajante.

Leito: cama.

Repouso: descanso.



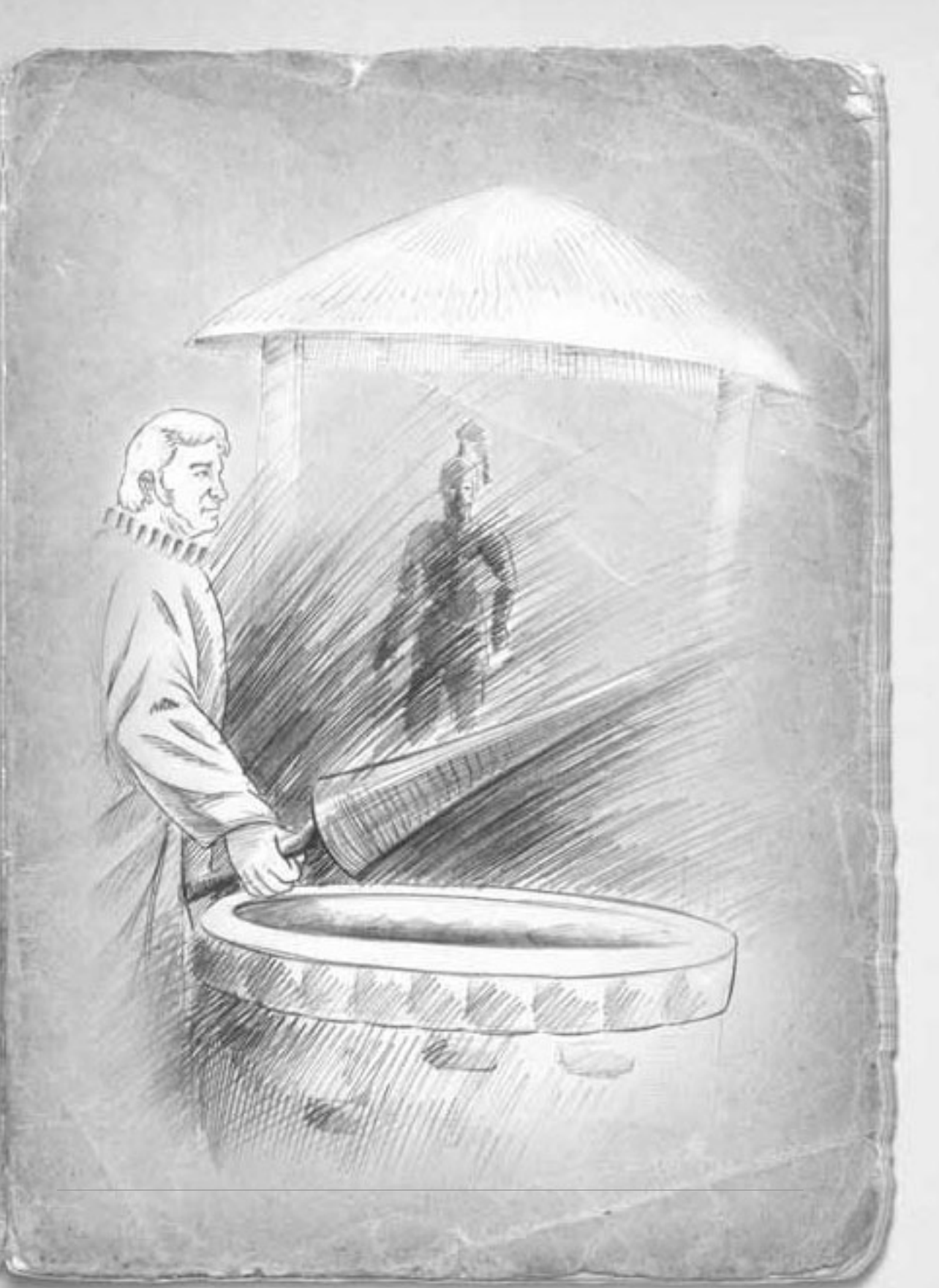
Dom Quixote quer velar as armas na capela do suposto castelo, como era o costume antigo. O hospedeiro diz a ele que a “capela” está passando por uma reforma, e por isso só restava o estábulo para tal feito. Dom Quixote aceita e passa a noite ali, velando suas armas, que coloca em cima de um bebedouro. De repente, aproxima-se um arrieiro que vem dar água à sua mula. Quando Dom Quixote percebe que o homem vai retirar as armas de cima do bebedouro, grita:

— Ó tu, quem quer que sejas, que te preparas para tocar nas armas do mais valoroso cavaleiro andante que já existiu, olha o que fazes, e não as toques com tuas mãos, se não queres morrer!

IO

O arrieiro não se importa com o que ele diz, e insiste na retirada dos objetos que impedem que mate a sede de seu animal. Dom Quixote toma essa atitude como um insulto e levanta-se para atacar o homem, não sem antes invocar sua amada Dulcineia, como era o costume dos grandes cavaleiros. Desfere contra o pobre homem um golpe com a lança, deixando-o desacordado no chão, e coloca as armas de volta no lugar onde estavam.

*Arrieiro: condutor de mulas de carga.
Desfere: lança.*



Mais tarde aparece outro arrieiro, que, sem perceber o corpo do colega, vai em direção ao bebedouro. Dom Quixote, com grande estrondo, abre-lhe também a cabeça com a lança, chamando a atenção de todos, que logo aparecem para saber o que está ocorrendo. Ao perceber o que Dom Quixote fez, começam a atirar-lhe pedras, e ele responde com injúrias. O dono da estalagem, que já não vê a hora de se livrar daquele louco, pede a todos que se acalmem, e diz a Dom Quixote que é chegada a hora de consagrá-lo cavaleiro.

Com o livro de contas na mão, no qual fingem ler instruções de cavalaria, o senhorio pede que as duas mulheres segurem as velas e com a espada toca na cabeça e no ombro de Dom Quixote, que está de joelhos. Dessa maneira, o sonhador fidalgo

12

da Mancha considera-se armado cavaleiro e parte montado em Rocinante.

Em uma estrada, avista um grupo de mercadores, aos quais interpela:

— Cavaleiros, exijo que parem e declarem que não há no mundo donzela mais bela que a Imperatriz da Mancha, Dulcineia del Toboso.

E como eles não queriam assentir àquilo que nunca tinham visto ou ouvido, Dom Quixote investe contra um dos homens com tamanha fúria que, se não fosse seu cavalo tropeçar, o teria matado. Os outros homens, revoltados, imediatamente dão uma surra no valoroso cavaleiro, e ainda quebram sua espada.

*Interpela: dirige a palavra.
Injúria: ofensa.*

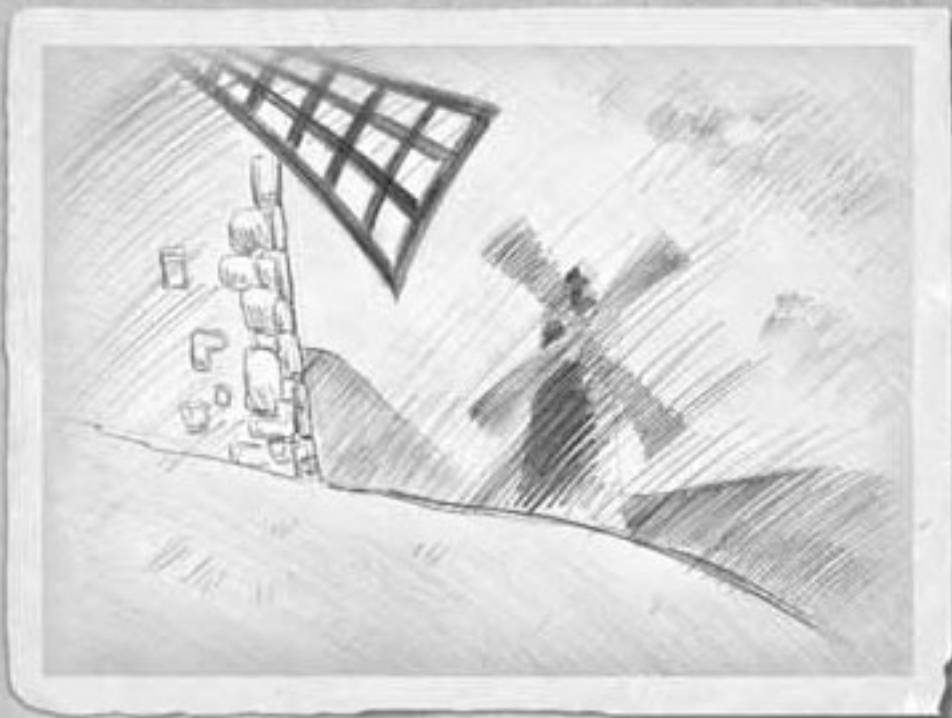


Os mercadores partem deixando Dom Quixote jogado no chão. Um camponês encontra-o e, com dificuldade, leva-o para casa, pois eram do mesmo povoado, e ele ali tenta se recuperar do acontecido.

Seus amigos e sua sobrinha, preocupados com a loucura dele e culpando os livros por ela, resolvem acabar com a sua biblioteca — contam-lhe que um bruxo enfeitiçou o lugar e sumiu com os livros. Eles acreditavam que, fazendo isso, Dom Quixote voltaria a ser saudável.

Mas, ao fim de quinze dias, já recuperado, o cavaleiro parte novamente, desta vez levando consigo um escudeiro. Esse escudeiro é um camponês





pobre que apenas segue Dom Quixote por acreditar na promessa que este lhe fizera: torná-lo governador de uma ilha assim que alcançassem a vitória em algumas façanhas.

Sancho Pança, o humilde camponês, segue montado num burro, enquanto Dom Quixote vai sobre Rocinante. Chegam a um lugar onde há muitos moinhos de vento. Dom Quixote vê, em vez de moinhos, gigantes:

— Veja, companheiro! São mais ou menos trinta gigantes, com quem pretendo travar uma bela batalha, para depois me apropriar de suas riquezas.

Dom Quixote considera o fato de Sancho não ver os gigantes feitiço de um inimigo seu, e pede que se afaste para que ele lute sozinho. Empunhando a lança, parte para cima dos supostos gigantes. Porém, um vento faz as velas do moinho girarem com violência, atingindo o ousado cavaleiro, que mais uma vez vai ao chão.

Sancho Pança corre para auxiliar seu mestre; este diz que uma magia transformou os gigantes em moinhos no exato momento que seriam atacados por ele.

Após empenhar outra batalha, na qual novamente é derrotado, Dom Quixote aproxima-se de uma estalagem. Mesmo causando estranheza

16

nas pessoas que ali se encontram, os dois, o cavaleiro e seu fiel escudeiro, são bem recebidos, e comem e bebem à vontade. Descansam num quarto pequeno, mas, evidentemente, para Dom Quixote esse pobre quarto é um aposento maravilhoso, digno de um nobre cavaleiro.

Por causa de uma atrevida criada, chamada Maritornes, que à noite encontrava-se às escondidas com um hóspede, o cavaleiro e seu ajudante se envolvem numa grande briga, todos entre si, como gatos e ratos pegando-se às escuras no pequeno cômodo. Saem machucados e fugidos do local. Dom Quixote nega-se a pagar a estadia, acreditando ser aquilo um castelo no qual tinha sido convidado a se hospedar.



Dom Quixote e Sancho Pança seguem pela estrada até avistarem uma nuvem de poeira. O cavaleiro imagina que sejam cavaleiros famosos, formando dois exércitos, e que irão travar um combate com eles. Retira-se junto com o escudeiro para observá-los numa elevação. Começa a contar-lhe quem é cada suposto inimigo, porém Sancho não vê nada além de ovelhas guiadas por pastores.

O cavaleiro resolve atacar, mesmo sendo advertido pelo escudeiro de que ali só existiam ovelhas. Acreditando que Sancho não enxergava as ovelhas porque estava enfeitiçado, segue em frente atingindo-as com a lança. Como não atendesse às advertências dos pastores, esses passam a lhe agurmentar com pedradas nas orelhas, o que o deixa todo arrebetado no chão.

18

Chega a noite e os dois não encontravam lugar para descansar. No caminho, percebem várias luzes vindo em sua direção. Param boquiabertos para ver o que surgiria. Dom Quixote e Sancho Pança a princípio se assustam, mas logo o primeiro se anima:

— Será uma grande batalha!

São mais ou menos vinte homens a cavalo, carregando tochas acesas. Atrás deles vem uma liteira coberta de luto. Todos sussurram em tom triste.

Liteira: cadeira coberta, sustentada por duas varas e carregada por dois burros ou dois homens.



A imaginação de nosso atrapalhado herói começa a funcionar. Para ele, naquela liteira há um valoroso cavaleiro morto ou gravemente ferido e cabe a ele, herói honrado, vingar tal infâmia. Dom Quixote atravessa o caminho dos homens, gritando:

— Parem, cavaleiros! Ao que me parece, fizeram ou sofreram algum mal. Digam-me logo o que se passa, e eu os vingarei ou os castigarei!

Os homens não lhe dão a menor atenção, fazendo Dom Quixote ficar muito nervoso e começar a derrubá-los dos cavalos. Mal sabia ele que atacava padres da Igreja num simples funeral, o que lhe valeria mais uma baita confusão. Desta, porém, o “Cavaleiro da Triste Figura” (como já estava sendo conhecido nos caminhos por que

20

passara) sai mais a salvo do que em todas as demais em que se metera.

Novamente Sancho e seu amo seguem viagem, até se meterem em outra enrascada. Desta vez, Dom Quixote liberta criminosos condenados pelo rei, pois acredita que pagam caro demais por delitos tão insignificantes. Só que os bandidos mentem para ele e ainda o agredem, não demonstrando nenhuma gratidão pelo seu ato heroico.

Após longas aventuras em penitência por Dulcineia, Dom Quixote e Sancho Pança acabam voltando para casa, levados por dois amigos de sua vila natal, o padre e o barbeiro, que os encontram depois de muita procura. Eles conseguem enganar o cavaleiro com a falsa

Valoroso: homem com grande valor e coragem.

Infâmia: dano causado à honra de alguém.

Penitência: sacrifício feito para se alcançar um ideal (no caso de Dom Quixote, o amor de Dulcineia).

história de uma donzela a ser salva de um gigante.
Mas lá não os manteriam por muito tempo, pois
logo amo e escudeiro partem em busca de novas
aventuras.



Dom Quixote ia pensativo quando um carro cheio de estranhas figuras surge no caminho. Havia dentro do carro um demônio, um anjo, o cupido, um cavaleiro e a própria morte, entre outras criaturas.

O nosso herói imediatamente supõe que se trata de mais uma aventura e coloca-se em frente ao carro, dizendo:

— Cocheiro, não demore em dizer quem é e que espécie de gente é essa que leva aí dentro.

— Senhor, nós somos apenas comediantes — respondeu o cocheiro.

22

Dom Quixote, percebendo o engano, já os deixava partir, mas um homem com a roupa cheia de bugigangas e um chapéu de guizos se aproxima e começa a dar voltas, fazendo muito barulho. Rocinante assusta-se e, dando um pinote, derruba o cavaleiro. Sancho Pança corre para auxiliar o amo, mas o homem dos guizos monta em seu burro. Dom Quixote quer então ensinar àquela gente que não se rouba o animal de um escudeiro de tão valoroso cavaleiro. Sancho Pança consegue convencê-lo de que seria bobagem combater a trupe, pois o animal já tinha sido solto e se encontrava de novo com eles — e não era sem tempo, pois os artistas estavam prontos para jogar pedras em cima deles.

Bugiganga: objeto de pouco ou nenhum valor.

Guizos: pequenas esferas ocas de metal que, ao serem chacoalhadas, produzem sons.



Mais aventuras aparecem no caminho de Dom Quixote. Enfrenta o Cavaleiro do Bosque, um homem que se diz, além de apaixonado, ter já vencido Dom Quixote e todos os cavaleiros da Espanha em defesa da fama de sua amada. Eles lutam e o nosso herói, por causa de uma distração do adversário, vence o cavaleiro que, na verdade, chamava-se Sansão Carrasco, e fora mandado pelos amigos de Dom Quixote. Estes acreditavam que se ele fosse vencido por outro desistiria da ideia de sair pelo mundo sem rumo.

Pouco depois Dom Quixote efetuará uma bela façanha. Encontra um carro onde estão sendo levados dois leões. Pede para o guarda abrir a jaula e entra, para mostrar a sua coragem. Sancho Pança afasta-se, pois tem pavor do que poderia acontecer.

24

Um dos leões levanta-se e observa o cavaleiro, porém logo vira de costas, não dando a menor atenção ao seu desafiante. Dom Quixote, inconformado com essa reação, pede ao domador:

— Bata neles com a vara.

— Não sou louco de fazer uma coisa desta! — responde o domador.

O homem então convence Dom Quixote de que o que ele fizera até ali já era prova suficiente de valentia, e de que poucos seriam capazes de tal ato. Dom Quixote concorda em sair da jaula e pede ao domador que conte o seu ato heroico a quantos encontrasse, inclusive ao rei da Espanha, que era o dono legítimo a quem os leões estavam sendo levados.



A trajetória de Dom Quixote e Sancho Pança é longa. Grandes acontecimentos marcam a vida dos dois, muitas aventuras. Muitas derrotas, poucas vitórias. Em uma das vitórias, Sancho Pança ganha o cargo de governador de uma ilha, como realmente lhe havia prometido seu amo. Ele permanece dez dias no governo, mas não se adapta à função e resolve abandonar o cargo, voltando a ser o fiel escudeiro de Dom Quixote.

Os dois aventureiros por fim chegam a Barcelona, onde ficam hospedados na casa de um nobre, Dom Antônio, que muito se diverte com as histórias do Cavaleiro da Triste Figura. Aproveitando uma oportunidade em que fica a sós com Dom Quixote, o dono da casa mostra a ele uma cabeça de bronze que diz falar. E avisa:

26

— Amanhã terás a prova do que te conto! É uma cabeça encantada, esculpida por um famoso feiticeiro.

No dia seguinte, reunidas algumas pessoas na sala, a cabeça responde a várias perguntas que são feitas pelos presentes. Na realidade, a voz que se ouviu naquela sala, numa artimanha de Dom Antonio, era do sobrinho deste, que estava no cômodo de baixo. Dom Quixote e Sancho Pança não sabiam disso, e acreditam ser a cabeça encantada.



Certa manhã, Dom Quixote, passeando pelas ruas de Barcelona, vê um cavaleiro vir em sua direção. O cavaleiro trazia pintada em seu escudo uma lua resplandecente; ele se aproxima e diz:

— Grande cavaleiro, Dom Quixote de La Mancha, eu sou o Cavaleiro da Lua Branca, de quem provavelmente já ouviste falar. Venho desafiá-lo em nome de minha senhora. Quero que confesses que ela é a mais formosa donzela que existe, muito mais que a vossa Dulcineia del Toboso.

Dom Quixote, surpreso com tamanha presunção, responde:

28

— É certo que não conhece a minha amada Dulcineia, porque se conhecesse saberia que não há dama mais formosa do que ela. Por isso aceito seu desafio.

Algumas pessoas que estão no lugar do encontro correm para avisar o vice-rei sobre o que está ocorrendo. Este, acreditando ser mais uma brincadeira inventada por Dom Antônio, procura-o, mas ao ouvir que este nunca ouvira falar do novo cavaleiro, permite a luta, pois esse era o desejo dos dois cavaleiros.

O Cavaleiro da Lua Branca, após derrubar Dom Quixote, deixando-o moído e atordoado no chão, lhe diz:



— **F**oste vencido! Agora tens que confessar que minha senhora é a mais formosa.

— Mate-me! Não confessarei jamais. Morrerei dizendo que não há nenhuma donzela que se compare a Dulcineia del Toboso — responde Dom Quixote.

O cavaleiro vencedor não o mata, mas o faz prometer que voltaria para sua aldeia e lá permaneceria durante um ano. Dom Quixote aceita a proposta. Na verdade, o Cavaleiro da Lua Branca tinha um enviado de seus amigos: novamente Sansão Carrasco. Tinham feito isso na tentativa de que Dom Quixote perdesse e passasse um ano em casa, pois assim desistiria de suas loucuras.

30

O nosso herói desajeitado passa seis dias doente. Logo que melhora, volta para sua terra. Está abatido e envergonhado pela derrota sofrida, mas acredita que dentro de um ano estará de volta ao mundo da cavalaria.

Dom Quixote, indo atormentado por seus pensamentos, repentinamente tem uma ideia e a conta a Sancho Pança:

— Serei, a partir de agora, um pastor! Viverei pelos campos a cuidar de minhas ovelhas.

Chega à vila e é recebido pelos amigos, mas sua nova ideia continua perseguindo-o por um tempo. Dom Quixote então comunica a todos os amigos e parentes os seus planos de se tornar um pastor.

Todavia, ele adoece novamente. Tem muita febre, o que preocupa a todos, principalmente a Sancho Pança, que não o larga, um segundo. Acreditando que o motivo da doença seria a derrota que sofrera, os amigos tentam animá-lo a seguir sua ideia de viver como pastor, mas nada adianta.



O médico chamado para examiná-lo diz que não há mais cura. Dom Quixote ouve a notícia com serenidade e pede para ficar sozinho. Depois de seis horas, acorda gritando:

— Bendito Deus, misericordioso! Devolveu-me a clareza de juízo. Agora vejo as loucuras que cometi por causa das leituras desses detestáveis livros de cavalaria andante. Meu verdadeiro nome é Alonso Quijano e não Dom Quixote.

Chama então o escrivão para fazer o seu testamento, beneficiando Sancho Pança, sua sobrinha e a governanta, e, ao encerrá-lo, tendo um desmaio, estende-se na cama. E assim permanece até que, a despeito dos suspiros e súplicas dos que o acompanham, dá a alma a Deus.

32

Dom Quixote, que viveu a alegria da loucura, morre lucido de tristeza.

